

**UNIVERSIDADE DE UBERABA**  
**ROBERTA FELIZ LOPES FERREIRA DE ALVARENGA**

**A FELICIDADE DE DESCOBRIR A PAIXÃO PELA PROFISSÃO**

**BARBACENA/MG**

**2021**

**ROBERTA FELIZ LOPES FERREIRA DE ALVARENGA**

**A FELICIDADE DE DESCOBRIR A PAIXÃO PELA PROFISSÃO**

MEMORIAL ACADÊMICO APRESENTADO À  
UNIVERSIDADE DE UBERABA COMO  
REQUISITO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DO  
CURSO DE BACHARELADO DE QUÍMICA.

ORIENTADOR: PROFESSOR WILSON DE  
SOUZA BEJNAMIN

**BARBACENA/MG**

**2021**

Dedico este trabalho à minha irmã mais velha Camilla Feliz, quem sempre foi minha inspiração de vida e que é o meu combustível para seguir qualquer objetivo ou desafio que a vida me imponha e sem dúvidas minha âncora. Sem ela, eu não teria chegado até aqui. Dedico também à minha mãe Ilcinéia (em memória), que estaria muito feliz em ver não uma, mas duas filhas ao mesmo tempo se formando em um curso de nível superior.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente à Deus por ter me dado força e coragem durante minha caminhada.

À minha irmã mais velha Camilla, quem me mostrou a oportunidade de realizar o curso e esteve ao meu lado por todo o caminho.

Ao meu amigo e Mestre em Engenharia Química André Vicente, que me encorajou e deu suporte para finalizar este desafio e continua encorajando e me dando conselhos.

Ao meu amigo e Mestre em Engenharia Química Amir Sheid, que me auxiliou com seu conhecimento e me proporcionou tranquilidade ao aprender.

Aos meus colegas de turma, que se mostraram unidos durante toda a jornada e que sem dúvidas essa característica foi essencial para o crescimento acadêmico de cada um de nós.

*Devemos acreditar que somos talentosos em alguma coisa, e que essa coisa, a qualquer custo deve ser alcançada.*

*(Marie Curie)*

## INTRODUÇÃO

Meu nome é Roberta Feliz Lopes Ferreira de Alvarenga, nascida em fevereiro de 1992, em São Fidélis/RJ, filha do meio de três irmãos. Meu pai Mauri só estudou até a antiga quarta série do ensino fundamental, devido às dificuldades da vida do interior. Minha mãe Ilcinéia estudou até a antiga sétima série do ensino fundamental antes de se casar, porém, já com os filhos um pouco crescidos, divorciada, retomou os estudos, mas se manteve com o segundo grau incompleto.

Minha mãe, apesar de todas as dificuldades impostas pela vida, criando três filhos sozinha, trabalhando como operadora de máquina de embalar e ganhando apenas um salário-mínimo, sempre nos incentivou a estudar. Minha mãe nunca quis que trabalhássemos antes de “terminar os estudos” para que não nos atrapalhasse.

Eu tive uma infância tranquila ao lado dos meus irmãos e primos, além de ter muitos colegas na rua onde morava. Passávamos o dia brincando na rua de barro, jogando queimado, pique bandeira, pique pega e tantas outras brincadeiras que inventávamos ou minha mãe nos ensinava.

## **A FELICIDADE DE DESCOBRIR A PAIXÃO PELA PROFISSÃO**

Em 1995 minha irmã mais velha, Camilla, iniciava a antiga primeira série do ensino fundamental. Ela tinha 6 anos e meio e eu 3 anos. O meu tio Rangelito a auxiliava nessa fase da vida, eu ainda bem pequena me interessei por aquele universo de letras que minha irmã estava por descobrir e eu também quis aquele conhecimento para mim. Meu tio percebeu meu interesse, comprou a cartilha Caminho Suave: Alfabetização pela imagem e passou a me ensinar em casa. Naquele ano eu passei a frequentar a escola Municipalizada Mestra Maria Firmina, mas ainda no jardim de infância aprendia cores, formas geométricas, enquanto em casa eu aprendia o alfabeto, sílabas e pequenas palavras. Ao final daquele ano, enquanto meus colegas de turma faziam apenas desenhos, eu desenhava e já escrevia o nome dos objetos ou das pessoas ao lado. O meu tio realizava avaliações em casa para mim, e de acordo com minhas notas caseiras eu ganhava prêmios. Foi uma alfabetização muito prazerosa.

Quando eu finalmente cheguei à C.A (Classe de Alfabetização) em 1998, eu já escrevia e lia de tudo. As aulas eram entediadas, meus colegas de turma estavam começando a aprender tudo aquilo que eu já havia aprendido e já dominava: A leitura e escrita.

A minha professora Lidia e a diretora da escola Sidinéia observaram e comunicaram à Secretaria de Educação sobre o meu caso. A Secretaria de Educação avaliou a situação e decidiu testar meus conhecimentos aplicando uma prova de nivelamento. Eu realizei a prova em dois dias, era enorme para uma criança de 6 anos. O resultado da minha prova já era esperado, eu tirei 96/100. Assim, eu não cursei a C.A e fui direto para a primeira série do ensino fundamental.

A vida de aluna adiantada na sala não era das mais fáceis, eu me lembro que os alunos mais velhos me zombavam por tudo, e principalmente porque eu era bem sabichona. Respondia às perguntas da tia Lili (professora) prontamente e sempre empolgada.

As séries de 1ª a 4ª eu cursei no turno vespertino e foram marcadas por um ambiente leve, tranquilo, de muitos trabalhos em grupo, que sempre eram realizados na minha casa, já que minha avó sempre nos mimava com seus bolos e refrescos, os meu colegas adoravam e já logo avisavam: Vamos fazer o trabalho na casa da Roberta!

À partir da 5ª passei a estudar no turno matutino e eu sempre acordava cedo com bom humor, agora eu poderia ir para a escola com minha irmã mais velha, que sempre foi meu exemplo. Nessa época eu já demonstrava mais meu lado rebelde, entrando na pré-adolescência, questionava o método de alguns professores mais rígidos. Dei um pouco de trabalho à minha mãe nesta época, pois sempre ia à diretoria reclamar de algum professor. Mas, sempre mantive minhas notas em alto padrão e nunca fiquei reprovada em nenhuma das matérias, mesmo discordando e não gostando de um professor ou outro.

Em contrapartida, eu mantinha um excelente relacionamento com a maioria dos professores, em especial as professoras de matemática Márly e de artes Simone. Elas se mantiveram nessas disciplinas de 5ª a 8ª série, e foi com a Simone que eu comecei a me interessar por teatro.

Durante a 6ª série em uma semana de feira de ciências da escola, havia também um dia de show de talentos, onde alguém da turma deveria imitar um professor e os colegas deveriam descobrir quem era o professor, eu imitei a professora Simone e foi a sensação da escola naquele dia, a imitação ficou perfeita. E assim todos os anos na minha turma era eu que fazia a imitação. Na 8ª série participamos de uma gincana intercolegial, e tínhamos que apresentar um teatro, a professora Simone me convidou para compor a equipe teatral que era formada por apenas 3 alunos. Nós vencemos aquela prova! E ali, nasceu minha paixão pelo teatro.

Aos 13 anos, em 2005 eu finalizei o meu Ensino Fundamental, marcado por uma série de revoluções de uma adolescente cheia de ideias, com um boletim impecável e finalizando um ciclo incrível em uma escola que me ensinou muito mais que os livros podem ensinar. Na Escola Municipalizada Mestra Maria Firmina eu criei laços eternos com professores, merendeiras (dessas eu gostava bastante), porteiro e fiz amigos que apesar da distância física, sempre estarão em minha memória.

Em 2006 iniciei meu Ensino Médio em uma escola diferente. Comecei a estudar na Escola Estadual de São Fidélis. Minha mãe queria que eu cursasse “Formação de Professores”, no ano anterior, eu havia feito uma prova que serviria como nivelamento de turmas. E ali eu estava, no primeiro dia de aula em uma turma de 40 alunos, 38 meninas e 2 meninos. A sala ficava no fim do corredor do terceiro andar da escola, além do tamanho da turma ser bem maior que o meu costume, eu sempre me dei melhor com os meninos. Ninguém conversava na sala, ninguém se apresentava, o

silêncio reinava e não havia nenhum colega da escola anterior ali, eu não conhecia ninguém. Eu, tagarela como sempre fui fiquei incomodada com aquela situação. Na hora do intervalo, descendo para o pátio, passei por uma sala no primeiro andar bem próxima à escada, onde os meus amigos estavam. Era uma turma de formação geral, todos felizes, conversando e brincando. Pensei: minha mãe que me perdoe, mas é aqui que eu quero estar.

Além de a formação de professores durar 4 anos naquela época e formação geral 3 anos, eu não queria ser professora e havia detestado a minha turma inicial monótona e comportada, não tinha nada com meu perfil.

Passei a assistir as aulas na turma de formação geral, mesmo que a diretoria houvesse negado a minha transferência de curso. Eles alegavam que eu histórico era impecável, que eu deveria me manter no curso da formação de professores. Havia um preconceito de que quem fazia formação de professores eram os mais inteligentes e na formação geral eram aqueles que “não queriam nada” com os estudos.

Eu persisti, até que pelo cansaço, incluíram meu nome no diário da turma da Formação Geral. Ali eu estava feliz! Com alguns dos meus colegas que fizeram todo o ensino fundamental comigo, e outros que tive o prazer de conhecer e criar um vínculo.

No meu 1º ano conheci o professor de Química Paulo César Pamplona. Paulo César é Engenheiro Químico formado pela UFRRJ. Calvo e os poucos cabelos que ainda restavam eram grisalhos, usando óculos de armação fina e redonda, com a típica cara de “químico louco”. Vou chamá-lo aqui de PC, pois era assim que eu o tratava. PC tem um conhecimento impecável de química, imagine, formado na UFRRJ, mas em uma cidadezinha como São Fidélis, que aluno de formação geral iria se interessar por química? Ele não gastava energia com os alunos que não tinham interesse em aprender, mas se doava a aqueles que o sugavam de perguntas e queriam saber um pouco mais.

Eu confesso que no início eu não me preocupava muito com a matéria, mas no 2º ano, tivemos uma feira de ciências, mais para o final do ano, onde cada aluno poderia realizar um experimento qualquer de química ou biologia com o auxílio dos professores. Nessa época, em 2007 minha irmã mais velha já estava se formando no curso técnico em química no antigo CEFET em Campos dos Goytacazes/RJ. E aí, eu quis realizar meu trabalho juntamente com o professor de química, ainda Paulo César.

Eu e mais três colegas, Gabriel, Daniel e Thiago, decidimos fazer uma bomba! PC abriu seu laboratório pessoal para nós. Acho que foi a primeira vez que vi um Becker, um destilador e tantas outras coisas que hoje fazem parte da minha rotina.

Fizemos pesquisas e usamos cloro granulado e álcool para gerar uma reação exotérmica e com liberação de gases. Colocamos a mistura em proporções estipuladas dentro de uma garrafa pet que gera uma explosão bem legal. Nosso experimento no dia da feira de ciências precisou ser realizado na parte externa do colégio e foi a sensação do dia. Eu me senti extremamente realizada naquele dia, principalmente porque usava o jaleco branco da minha irmã. Ali, eu pude perceber qual era a minha vocação.

Eu sempre gostei de “primeiros” dia de aula. No primeiro dia do 3º ano eu não tive aula, eram apenas boas-vindas para os novos alunos, e lá estava eu no fundo do auditório, com um penteado legal e uma blusa engraçada ouvindo a diretora Maria Helena dar a palestra dela, quando ela me convidou a ir até à frente e falar algo para os novatos. Eu só consegui dizer a eles o quando meu Ensino Médio havia sido legal, e que eles aproveitassem cada minuto da vida deles ali.

No 3º ano participei de grandes peças teatrais, que mesmo sendo organizadas pela formação de professores, eu era convidada. Venci às eleições para o grêmio estudantil, fiquei muito doente, promovi eventos na escola e finalmente passei para o curso técnico em química no antigo CEFET em Campos dos Goytacazes/RJ.

A partir de agosto de 2008 eu passei a cursar o ensino médio no turno matutino e o curso técnico no turno noturno, que era em outra cidade à 50km de distância.

Como eu disse anteriormente, eu adoro o primeiro dia de aula. É sobre a expectativa do novo. A primeira semana do curso técnico foi toda sobre apresentação, das dependências do campus, sobre o instituto, sobre o curso e afins. No primeiro dia, no enorme auditório do campus, passaram o acidente da plataforma de petróleo P-36 que pegou fogo e afundou. A minha irmã trabalhava em uma dessas plataformas e naquele dia eu criei um pavor imenso sobre trabalho offshore.

No segundo dia, fomos conhecer os laboratórios, meu Deus, como eu me senti em casa. O professor me deu um copo de café para segurar e colocou um líquido transparente dentro e pediu para eu não deixar cair, de repente eu senti o líquido escorrendo na minha mão, era éter! E ali, eu tive a minha primeira aula sobre polaridade. Naquele dia eu cheguei em casa leve, feliz e eufórica contando para minha

mãe e irmã que aquilo era de fato o que eu queria para minha vida, que eu havia encontrado de fato a minha vocação.

Em 2008 eu concluí meu ensino médio e uma das coisas que mais me orgulho foi no momento que eu fui pegar o canudo e minha mãe me acompanhava, a diretora falou algo a ela, minha mãe saiu chorando da banca. A diretora Maria Helena havia dito que ela estava de parabéns pela criação da filha, que o colégio estava perdendo uma de suas melhores alunas.

Em 2008 finalizei também meu 1º módulo do curso técnico, o meu primeiro grande passo concluído para a minha vida como química.

Em 2009 eu iniciei o temido 2º módulo do curso técnico em química do CEFET. Era o mais difícil segundo todos os colegas que já haviam passado por ele. E de fato, para mim foi, eu precisei repetir. Aquilo foi um balde de água fria, eu me perguntava se tudo que eu havia idealizado era realmente para mim, ou se eu não era capaz de estar ali, em um instituto federal, cursando o curso mais difícil do campus. Eu repeti, e o professor de cálculos Luís Emílio me mostrou que eu precisava daquilo para me empenhar mais!

Já em 2010 no primeiro semestre, iniciei o 3º módulo, onde eu tinha entre outras, as aulas de microbiologia, que me geravam relatórios de 40 páginas e eu achava um máximo passar finais de semana redigindo os relatórios dos experimentos mais bacanas. A professora Cíntia Neves, que também foi coordenadora do curso durante todo meu período lá, deixava as aulas muito mais leves. Pude ter acesso à microscópios e outros equipamentos. Também no 3º módulo tive aulas de cromatografia com o professor Walter, um figurão magrelo alto, que nos apresentou a disciplina em um cromatógrafo bem antigo e mesmo assim, o fez com louvor.

O 3º módulo foi marcado por matérias práticas como a microbiologia, cromatografia, análises qualitativas que me fizeram ter mais certeza da minha escolha.

Cheguei por fim ao 4º e último módulo no segundo semestre de 2010. As matérias eram voltadas para as áreas de atuação. As matérias em focadas em cimento, petróleo, bebidas, tratamento de água e outros. Fizemos diversas visitas técnicas, visitamos feira offshore e a turma esteve mais unida que nunca.

Me interessei pela área de petróleo, quem dava aula sobre essa matéria era o professor Christian, com quem mantenho contato até hoje e sem dúvida foi responsável pela minha decisão de hoje estar trabalhando nesta área.

Neste semestre, participei de um projeto da Petrobras “Bolsista de Valor” e junto com mais duas colegas a Aline Jeremias e Jessica Barcelos escrevemos um artigo que foi publicado pela editora Essentia na revista “Bolsista de Valor Vol.1 (2010)”.

Assim, em dezembro de 2010, eu finalizei o meu curso técnico em química, no Instituto Federal Fluminense (o CEFET mudou o nome para IFF). Com o coração cheio de orgulho e feliz por estar seguindo os passos e exemplo da minha irmã mais velha.

Em fevereiro de 2011 iniciei minha vida profissional como estagiária em um laboratório de uma empresa multinacional, passei por empresa terceirizada da Petrobrás e atualmente, embora lá no início do meu curso técnico eu havia decidido não trabalhar offshore, eu trabalho como técnica de laboratório de uma empresa japonesa que constrói e opera navios chamados FPSO para exploração e estocagem de petróleo.

Voltando um pouco, no fim de 2017 eu decidi iniciar meus estudos em um curso superior. Escolhi o curso de engenharia de produção. Estudei por 3 meses, mas estava desmotivada, não via aquele curso como algo essencial na minha vida, mas seguia com ele. Em janeiro de 2018, minha irmã Camilla durante uma chamada de vídeo, me perguntou o que eu achava sobre ela iniciar a faculdade de química. Inicialmente eu achei que era licenciatura, e não a via como professora. Mas, mantive meu incentivo, aliás, ela sempre me incentivou. No decorrer da conversa, ela me diz que era bacharelado. Eu fiquei eufórica! Era o que eu sempre tive vontade de cursar. Meu sonho era ter cursado na UFFRJ, mas eu nunca nem prestei vestibular pois as condições financeiras da minha família não me permitiam cursar uma faculdade tão longe como a UFRRJ.

A minha irmã mais uma vez foi quem me deu a direção, me mostrou que havia uma oportunidade, mesmo de EAD, de realizar meu sonho acadêmico. A partir dali, fizemos nossa matrícula, vestibular e iniciamos nosso curso superior. Juntas! Agora morando no estado de Minas Gerais, após perder nossa mãe em 2014, estávamos seguindo juntas para um sonho que deixaria minha mãe orgulhosa.

Abandonei o curso de engenharia de produção e me dediquei totalmente ao meu trabalho e à minha faculdade onde pude desenvolver mais os meus conhecimentos em química, aprimorar conceitos, melhorar meu trabalho e criar laços ainda mais atados à minha irmã com que divido a turma.

Em janeiro de 2021, no último ano da faculdade de Química pela UNIUBE, eu decidi iniciar os estudos na engenharia química em outra instituição, com o intuito de enriquecer meu currículo profissional. Meu objetivo é me tornar uma profissional completa, sendo técnica, química e engenheira química.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Universidade de Uberaba ao propor aos alunos a elaboração de um memorial acadêmico, nos dá a oportunidade de nos aprofundar em memórias íntimas e que de alguma forma contribuíram para a formação de um ser.

Minha irmã e eu somos a primeiras de nossa família materna a concluir um curso de nível superior, e ter escrito toda esta trajetória, mesmo que resumida traz a tona sentimentos indescritíveis.

Após eu ter ficado oito anos longe das salas de aula, intervalo entre o término do curso técnico e início do ensino superior, hoje, eu tenho planos de manter meus estudos. Como mencionado acima, eu já iniciei outra faculdade e já tenho intenção de iniciar a pós-graduação em Gestão de Laboratórios em 2022.

Definitivamente, o laboratório de química é minha paixão.

“Fazer o que você gosta é liberdade. Gostar do que você faz é felicidade.” Frank Tyger.